

Apresentação

Não é de hoje que a relação entre filosofia e literatura é multifacetada. Isso é bastante perceptível desde a Antiguidade. Górgias, como se sabe, teria se posicionado acerca do poder de convencimento das belas palavras. Platão, por sua vez, ainda que não fosse particularmente simpático a sofistas como no caso do autor de *Elogio de Helena*, considerou que a escrita de diálogos daria forma palatável às suas doutrinas, quando se tratasse de apresentá-las a um público mais amplo que os alunos de sua Academia. Aristóteles, por sua vez, empreendeu esforços no sentido de tornar a própria análise de peças de teatro um objeto da filosofia. Os filósofos da Grécia clássica, portanto, já se preocupavam, para dizer o mínimo, com aspectos literários de textos filosóficos, e, por outro lado, ocupavam-se de compreender a partir da filosofia, os elementos de textos literários.

A relação entre as duas áreas se complexificou ao longo das épocas, sem que se perdessem os aspectos exemplificados no parágrafo acima. Seria impossível compreender bem os ensaios de Montaigne, ou os de Addison, sem levar em conta que seus textos foram estruturados não apenas como exposições argumentativas, mas, também, como literatura. Além disso, não há como negar que, em diversos momentos, a própria literatura se posicionou como forma de fazer filosófico. Alguns ótimos exemplos disso podem ser encontrados no século XVIII. Em *Cândido*, por exemplo, Voltaire critica, de maneira bastante incisiva, o otimismo de autores como Leibniz. Com a peça *O Filho Natural*, e as “conversas” que se seguem a ela, Diderot pretendia não apenas propor um novo gênero teatral, mas defender que ele seria necessário porque a sociedade da época seria resultado de mudanças que não poderiam ser expressas apenas em termos de tragédia ou comédia.

Outros exemplos dezoitistas, igualmente importantes, recebem menos atenção. Ora, seria impossível compreender completamente a ascensão do romance feminino na Inglaterra da época sem considerar que a cultura da polidez, defendida por autores como David Hume, talvez não tivesse colaborado para a melhora significativa da situação das mulheres. Não foi à toa, portanto, que escritoras como Frances Burney e Charlotte Lennox escreveram em um século marcado pelas reivindicações, por parte de autoras como Mary Astell e (posteriormente) Mary Wollstonecraft, no sentido de que mulheres passassem a ser consideradas criaturas racionais. Do mesmo modo, falta algo à compreensão da ficção gótica que começa a se estabelecer no século XVIII quando se perde de vista que ela se estruturou, ao menos em alguma medida, como resposta a certas limitações observadas nos ideais presentes em vários dos iluminismos.

Essas considerações não devem ser vistas apenas na medida em que retratam uma época. Ainda que tanto a filosofia quanto a literatura estejam em constante transformação, as interações entre elas continuam despertando inquietações importantes, as quais resultam, frequentemente, em caminhos de investigação bastante férteis. A esta altura, seria quase um clichê lembrar que, se Sartre nos legou *O que é literatura*, também escreveu romances como *A Náusea* e peças como *Entre Quatro Paredes*, trabalhos que não devem ser lidos como meras “ilustrações” das teses “propriamente filosóficas” do autor. Por outro lado, Obras literárias mais recentes, escritas por autoras e autores que não teriam se ocupado do estabelecimento de “filosofias”, têm-se mostrado importantes quando se trata de lançar novos olhares a problemas que estão na ordem do dia. Margaret Atwood pode não ser uma teórica do autoritarismo, mas, para dizer o mínimo, ensejou debates proveitosos acerca dele. O livro mais recente de Kim Stanley Robinson, do mesmo modo, é uma porta de entrada interessante para discussões ambientais.

Em terras brasileiras, é quase desnecessário mencionar os clássicos. Talvez, entretanto, seja o caso de lembrar que autores ainda jovens, em obras bastante recentes, mesmo quando vinculadas a estilos frequentemente tidos como “menores”, a exemplo de *Gótico Nordestino*, de Cristiano Aguiar, *R3qu13m*, de Lídia Zuin ou *Inventário de Predadores Domésticos*, de Verena Cavalcante, não apenas se tornaram populares em seus próprios gêneros, mas podem ser vistas como interessantes na medida em que suscitam discussões de temas filosóficos como a própria natureza da literatura, a relação entre certas concepções de sociedade e os valores cultivados a partir delas, o valor da vida e os sentidos que podemos atribuir à morte e, por que não, o que significa produzir literatura em um país como o nosso.

A lembrança de que as relações entre filosofia e literatura se dão de maneira, por assim dizer, caleidoscópica vem a calhar quando se considera a diversidade dos temas que compõem este número de *A Palo Seco*. Nas páginas seguintes, o leitor encontrará dois artigos e quatro traduções. No primeiro artigo, “Riobaldo, *homo viator*”, Clarissa Marchelli apresenta uma leitura instigante da personagem de *Grande Sertão: Veredas*, associando-o a uma tradição que remontaria à história do retorno de Odisseu a Ítaca, tema da *Odisseia* de Homero. O texto seguinte, intitulado “O niilismo em Friedrich Nietzsche e Markus Gabriel: esclarecimentos para analisar ‘A História Sem Fim’ de Michael Ende”, de Aleph Cedrim Barbalho, parte de pontos-chave da filosofia do ultrarrealista Markus Gabriel para mostrar que o romance de Ende pode ser lido de maneira que o vincule à tradição niilista, não apenas no sentido nietzscheano, mas associado “à primeira proposição principal da ontologia positiva, ao niilismo moderno e, por último, ao realismo moral”.

Quanto às traduções, refletem bem a diversidade e a pujância das interações entre filosofia e literatura ao longo dos últimos séculos. “Tipos em literatura”, vertido para nosso idioma por Maria Macedo, é parte das *Oeuvres* de Charles Nodier, e um bom exemplo das tensões, no trabalho desse autor, entre certa herança aristotélica, por um lado, e a ideia de gênio, por outro. A seguir, Rui Rothe-Neves apresenta uma bela tradução de “Projeção 1975”, de Heiner Müller, precedida de uma apresentação bastante elucidativa, na qual mostra que, se o texto em questão é difícil de enquadrar em um gênero pré-determinado, constitui, por outro lado, um momento em que Müller explora “o processo que usaria também em sua produção para teatro, a ponto de podermos dizer que se trata de um condensado de sua escritura”. A terceira tradução, feita por Marcos Balieiro, é de “A Moralidade das Peças de Teatro Considerada Seriadamente”, de Adam Ferguson. Trata-se de um texto de intervenção em que o autor defende, a propósito de certas decisões da Assembleia Geral da Igreja da Escócia, que o teatro, além de não dever ser considerado moralmente danoso, deve ser valorizado por seu potencial de desenvolvimento econômico, especialmente quando são levados em conta os benefícios que traz aos pobres. Ainda, o leitor encontrará, neste número, bela tradução de Michel Guimarães para o poema “Reflexões Lírico-Práticas sobre o Ator”, dedicado por César Miguel Brie a Iben Nagel Rasmussen e publicado originalmente em 1995. Além de seu vigor e sua beleza, o texto oferece uma visão privilegiada dos esforços “Para criar o lampejo”, “O momento fugaz no qual ator e público se fundem”.

Trata-se, como se vê, de um volume cujos textos dão conta de várias maneiras de conceber as interfaces por vezes tortuosas, mas sempre vicejantes, entre filosofia e literatura. Boa leitura a todas e a todos!

Marcos Balieiro
Carlos Eduardo Japiassu de Queiroz